



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ABERTURA DO SIMPÓSIO BRASÍLIA: CONCEPÇÃO, REALIDADE, DESTINO *

Palácio do Itamarati
Brasília, DF
20 de outubro

Brasília, cuja fundação teve o objetivo de estimular o desenvolvimento do interior do Brasil, e que constitui uma realização de ousado e extraordinário planejamento, enfrenta as dificuldades que surgiram e que eram imprevisíveis.

Tenho a honra de abrir aqui este simpósio de reflexão sobre o destino e os problemas urbanísticos e sociais de Brasília e das grandes cidades brasileiras, concebido pelo Governador José Aparecido e organizado pelo professor Figueiredo Ferraz.

Entre os grandes problemas do Brasil de hoje, desafios que Governo e sociedade têm que enfrentar unidos, a ocupação do espaço pelo homem sobressai, por ser tão gigantesco em suas tendências mais dramáticas: o desequilíbrio demográfico, a destruição da qualidade de vida, o custo desmesurado da administração urbana.

A cidade brasileira hoje funciona como os «buracos negros» siderais, suga o universo à sua volta, acumula uma energia indomada e destruidora.

* Discurso lido pelo Ministro Deni Schwartz.

Brasília, cidade de sonho e de esperança, representou, há um quarto de século, o lançamento de uma aventura exploradora, a comprovação de nossa capacidade de romper as tendências negativas e criar forças renovadoras. Com ela, pela iniciativa de Juscelino Kubitschek, deu-se o passo decisivo na ocupação do vazio demográfico que era o interior do Brasil, passo já tido como necessário pelos fundadores da Nação e hoje precisando ser complementado. Com ela, através de Lúcio Costa, também se rompeu, numa aventura poucas vezes repetida, a lenda de que a cidade inventada pelo homem não é adequada à vida social; o preconceito quanto à capacidade do homem de saber ordenar e qualificar o seu espaço.

Brasília é um exemplo mundial de qualidade de vida, e os brasilienses não se acostumam em outras cidades. Com ela, pelas mãos de Oscar Niemeyer, pudemos retomar a criação da beleza que nossos antepassados haviam registrado em nossas cidades, de São Luís a Ouro Preto, marcando sua presença indelével na história da nossa cultura.

Mas Brasília, hoje, como as outras cidades brasileiras, é vítima de pressões enormes, de problemas que se acumulam devido a um crescimento muito maior que o previsível: hoje, com as cidades de seu entorno imediato, ela tem mais de três vezes os 500 mil habitantes previstos. E poderá contar, segundo dados da Organização das Nações Unidas, 4 milhões de habitantes no ano 2000.

O gigantesco esforço de construir Brasília, obra de quem acreditava em nosso País e em nosso povo, visava à integração nacional, estimular o desenvolvimento da área imensa e deserta, criar uma região geoeconômica sólida, redistribuir regionalmente as riquezas do País, e até mesmo — razão de segurança da capital — fugir do histórico atrelamento do desenvolvimento ao litoral. «País de caranguejos», chegou a chamar o Brasil um historiador do século passado, pela ausência, até então, de esforço nacional integrado, coerente e permanente de penetração sócio-econômica do País.

No entanto, somente parte daqueles objetivos foram alcançados.

O desenvolvimento regional ficou aquém do previsto, e juntou-se o drama urbano a um relativamente fraco desenvolvimento regional, repetição do que ocorria no resto do País.

O Plano Piloto foi concebido para enquadrar-se em outro planejamento, o de área das cidades-satélites, e entorno de Brasília, mas, ao contrário, as cidades-satélites e a área do entorno foram deixadas ao apetite livre da explosão urbana. Não havendo cidades e áreas planejadas que protegessem e direcionassem o fluxo humano e o desenvolvimento, protegendo Brasília, este foi feito tendo a cidade como pólo de superatração.

Hoje é necessário criarem-se condições para que seja atenuado pelo menos o ritmo de crescimento desequilibrado, e que seja replanejada toda a área em que se encontra o Distrito Federal, a fim de que muito em breve não tenhamos favelas invadindo o sonho de dom Bosco.

Há que equacionar os problemas, examinar as alternativas e implementar as soluções. Mas os problemas de Brasília são um reflexo do problema maior do conjunto de cidades brasileiras.

De 1940 a 1980 nossa população cresceu de 40 milhões para 120 milhões de pessoas. De 28 milhões para 38 milhões de habitantes no campo, e de 12 milhões para 80 milhões nas cidades: 500% de aumento da população urbana representava 31%; em 1980, 67%.

São números que mostram um crescimento muito acelerado. Mas não seriam tão graves se não correspondessem a fenômenos sócio-econômicos e culturais dramáticos: neste período de tão imenso crescimento urbano caiu de 41% para 16% a participação das cidades de menos de 10 mil habitantes na distribuição da população urbana; e a defasagem regional é de tal ordem que, embora as taxas de incremento anual das regiões Centro-Oeste e Norte sejam bem maiores que a média nacional, sua presença na população total passou, nestes quarenta anos, de 6% para ainda apenas 11%. A concentração atrai cada vez mais concentração; quer nacional, quer regionalmente.

O resultado prático é a degradação da qualidade de vida urbana. A pobreza e o abandono no interior são substituídos, nas cidades, pela degradação do ser humano. Violentado na sua estrutura cultural, despreparado para as atividades produtivas dos setores secundários e terciários, marginalizado desde o primeiro instante, o migrante é a primeira vítima da armadilha perversa. Ele é a massa que alimenta a injustiça social, o caos urbano, a desorganização econômica.

É um dos compromissos da Nova República a busca da justiça social. E a grande justiça social no Brasil passa pela solução do problema demográfico, pelo problema da distribuição do homem e da civilização por nossas imensas terras.

Teremos de ocupar os espaços vazios. Humanizar os já ocupados. Resolver os problemas estruturais das grandes cidades. Enfrentar o problema da moradia saudável para todos. Fazer reforma agrária, para reestruturar a produção agrícola, fixando o homem sadiamente em sua terra, dando-lhe o sonho, a perspectiva da construção do futuro com as próprias mãos.

Essa ampla correção estrutural, feita talvez mais pela sociedade que pelo Governo, passa também por um reenaminhamento das migrações: que elas se voltem para as novas fronteiras agrícolas, onde terra arada e produzindo, e não armas e cercas de arame, deve esperar os homens.

Mas para isso tudo, devemos ter esperança e devemos ter idéias claras. O País sabe que não quer se alojar doentamente em apenas dois ou três pontos poluídos.

Sabemos que queremos uma vida saudável, em paz com os bichos, com as plantas, e com nossos vizinhos. Com a natureza, porque o Brasil é a própria natureza. Com nossos vizinhos, porque somos pacíficos.

Para termos isso, para construirmos o Brasil próspero e socialmente justo do futuro, o Brasil livre, rico e fraterno, temos de reforçar nossas pequenas e médias cidades.

Cidades que sejam ainda intimamente ligadas ao campo, verdadeiras agrovilas; ainda muito voltadas para a produção agrícola; mas tendo eletricidade, boas estradas,

educação, apoio sanitário, bancos, fábricas de beneficiamento dos alimentos.

Na ocupação do espaço, o homem precisa agir com grande antecedência, definindo seus objetivos e caminhos. Ao pensar no futuro de Brasília, analisando seu passado e seu presente, está-se pensando no futuro do Brasil. Brasília é, e continuará sendo, um símbolo de novos caminhos, de novas esperanças. Sonho e realidade que se abrirão para todos os brasileiros, na cidade e no campo, no Norte e no Sul, num Brasil melhor.

O Dr. Constantinos Doxiadis, o grande humanista e urbanista grego, afirmou que, entre a *distopia* — o mau lugar, o lugar que existe para todo lado — e a *utopia* — o lugar ideal, o lugar inexistente, devemos escolher a *entopia* — o lugar possível.

Brasília é, e deve continuar a ser, e a ser cada vez mais, um destes lugares onde se harmonizam o sonho e a realidade. Brasília deve ser o modelo a ser seguido, não em sua solução urbanística e arquitetônica, atendendo tão especificamente às suas necessidades, mas em sua coragem de enfrentar preconceitos, em sua humanidade, em seu equilíbrio.